

MARACATU ATÔMICO

OS POLOS DE INOVAÇÃO EXPANDEM-SE E ATRAEM NOVOS INVESTIMENTOS

POR ROBERTO ROCKMANN

A década de 1990 foi difícil para Pernambuco. O Plano Real colocou a inflação sob controle, mas o câmbio valorizado trouxe uma enxurrada de importados e provocou perdas na indústria e na área de serviços. Recife, que na década de 1970 havia atraído grandes empresas de informática como a IBM, sofria com a emigração de cérebros, principalmente engenheiros. Um dos melhores centros de tecnologia da informação do País, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) formava uma parcela cada vez maior de jovens que carimbavam o passaporte para trabalhar em outras cidades no Brasil e no exterior (cerca de 10% dos brasileiros que trabalham na Microsoft são pernambucanos).

Para mudar essa realidade, um grupo de empresários, acadêmicos e secretários do governo Jarbas Vasconcelos

sentou à mesa para desenhar uma experiência que pudesse estimular a economia local e conectasse o setor de tecnologia do Recife à nova economia que surgia com a internet. Nasceu dessa interação, em 2000, o Porto Digital, com a intenção de criar empresas locais que pudessem fabricar softwares tanto para o mercado nacional quanto o externo.

Com aporte de 20 milhões de reais e vínculo estreito entre universidade, empresas e governo, que discutem propostas e prioridades em um comitê de gestão, o Porto foi instalado em uma área de 100 hectares no centro do Recife. Foi uma forma de valorizar a área histórica que viveu o auge e a decadência da economia pernambucana. Criado em 2000, com três empresas, hoje o Porto Digital é o principal centro de inovação do Nordeste e exemplo bem-sucedido da implementação de políticas

públicas em parceria com a iniciativa privada. Agora são 300 empresas que faturam 1,5 bilhão de reais e empregam 9 mil trabalhadores. Perto de um terço da receita está nas mãos de empresas de Pernambuco, um terço com outras regiões do Brasil e um terço com serviços na região central do Recife, que se requalificou com a atração das companhias.

As exportações representam 2% dos negócios do polo, um pouco acima do percentual de 1,2% apurado pela indústria de

software no País. A riqueza vai crescer: a Fiat, que investiu na instalação de uma fábrica da Jeep no interior do estado, abriu um centro de inovação no qual engenheiros trabalham em novos modelos de veículos, enquanto a Accenture pretende ampliar sua área no polo e trazer mais funcionários. A Unilever, por sua



Gaspar, inovador-chefe do Banco do Nordeste

LEO CALDAS



Indústria com mais tecnologia



O Porto Digital pernambucano serve de inspiração

vez, negocia uma área para colaboradores do setor de softwares. “Outras duas multinacionais que já têm investimentos no País conversam sobre a vinda de dois centros de porte, mas ainda está tudo sob sigilo. Muitas empresas querem estar nesse ambiente que estimula a rede de inovação aberta”, afirma Guilherme Calheiros, diretor de competitividade do Porto.

OS PARQUES TECNOLÓGICOS TÊM MUDADO O PANORAMA URBANO E INTELLECTUAL

Aos empreendedores são oferecidos diversos programas, de universitários que têm uma boa ideia e querem aprender os passos para transformá-la em bom negócio até uma aceleradora de empreendimentos que começou a faturar. Até o fim do ano, será aberta nova rodada para dez empresas interessadas em acelerar seus negócios na região.

O sucesso do Porto Digital tem sido ligado a vários fatores: o vínculo estreito entre empresas, universidade e governo desde o início, a existência de um núcleo tecnológico estadual (em 1995, o governo criou o Cesar, centro privado de inovação que cria produtos, serviços e empresas) e o orçamento, que contempla várias fontes. Parte dos recursos origina-se de emendas parlamentares locais.

O Comitê de Gestão interage com os deputados para mostrar a importância do Porto Digital. Outra parte dos recursos vem do governo estadual e de receitas imobiliárias. Quando o Porto foi



criado, o estado separou alguns imóveis para serem gerenciados pelo polo de inovação, que gera receita para tocar projetos. Outra parcela dos recursos origina-se de editais de agências de fomento à inovação, como da Finep. O ambiente de inovação e os incentivos fiscais, como redução do Imposto Sobre Serviços (ISS), têm feito com que as empresas tenham alta taxa de sobrevivência, que beira 100%. A idade média é igualmente alta: 10,6 anos.

A localização do Porto Digital ainda traz outra vantagem. O bairro, que foi revitalizado com a chegada das empresas, tornou-se laboratório de diversas tecnologias testadas pelas empresas que criam seus negócios ali. Em 2009, um estacionamento rotativo no centro histórico da cidade do Recife recebeu um projeto piloto no Brasil, a zona azul eletrônica. O projeto piloto, cujo investimento inicial chegou a 250 mil reais, deu certo e atraiu os olhares de outras cidades pelo Brasil a fora, como São Paulo, que desde o ano passado usa a tecnologia.

A desenvolvedora é a Serttel, que também inovou ao criar, em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco, um aplicativo que promove o uso compartilhado de carros do governo. Teste realizado entre março e dezembro de 2016 possibilitou a redução de 41% no consumo de combustíveis, em comparação com o mesmo período de 2015, quando o aplicativo não era usado.

No Nordeste, outro polo em destaque é o Parque Tecnológico de Bodocongó, em Campina Grande, importante cidade da Paraíba, cujo nascimento foi diferente daquele do Porto Digital no Recife. A criação do Parque Tecnológico paraibano foi desenvolvida por um programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico



e Tecnológico (CNPq), lançado em 1984. A intenção era criar polos de conhecimento em várias regiões do País, descentralizando conhecimento e inovação a partir da parceria entre universidades, governo e incubadoras que permitisse o nascimento de empresas.

A proximidade com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) facilita o acesso dos empreendimentos inovadores ao conhecimento gerado e aos laboratórios. “Cerca de 300 empresas estão no polo entre a capital e Campina Grande, e nossa intenção é criar mais oportunidades no interior com a instalação de 3 mil quilômetros de fibra óptica interligando João Pessoa, Campina Grande e região”, afirma Francilene Garcia, secretária de Ciência e Tecnologia.

A rede deverá operar a partir de 2018 com investimento de 60 milhões de reais. Uma Parceria para Desenvolvimento Produtivo (PDP), criada pelo Ministério da Saúde para promover investimentos na fabricação de remédios ou materiais

hospitalares para uso no Sistema Único de Saúde, deverá começar a produzir em breve desfibriladores cardíacos.

Mas nem tudo é otimismo. O aperto fiscal preocupa, diz Francilene Garcia, presidente do fórum nacional que reúne os secretários estaduais de Ciência e Tecnologia. “Em 2020, havia previsão de que a inovação no Brasil pudesse responder por 2% do PIB, mas isso não se concretizará, continuaremos no 1,2%. A crise estancou o processo e a inovação nunca foi prioridade no País. Não há um ciclo perene de investimentos, não há planejamento de médio ou longo prazo, nem políticas de inovação para os parques tecnológicos. Não há, enfim, estratégia definida.”

O Banco do Nordeste lançou no ano passado o Hubine, um espaço para estimular novas empresas e o ambiente de inovação. Primeiro, a instituição tem conversado com empresas com programas de estímulo a companhias nascentes, entre elas IBM, Cisco, Serasa, Visa e Microsoft. O objetivo é convencer essas gigantes a focar na região. “Temos feito eventos com essas empresas e buscado aproximá-las das oportunidades”, diz Eduardo Gaspar, inovador-chefe do BNB.



Calheiros, responsável pela competitividade do Porto



Parque tecnológico da Paraíba: integração com as universidades

Em março, por conta da iniciativa da prefeitura de transformar Salvador em uma cidade voltada para a economia criativa, o banco vai abrir um espaço para aceleração de empresas nascentes e estabelecer diálogo com empreendedores. A instituição também trabalha nos detalhes finais da criação de uma linha de crédito de 60 milhões de reais por ano para negócios nascentes. Os juros deverão ser menores do que aqueles oferecidos pelo mercado e cada empresa poderá tomar até 200 mil reais em financiamento sem a necessidade de apresentar garantia real. Quatro temas são prioritários: uso e reúso de água, energia, cidades inteligentes e inclusão financeira.

As empresas têm procurado o núcleo de pesquisa e inovação instalado em incubadoras do Parque Tecnológico da Bahia. Uma das interessadas é a Engpiso, que produz soluções para pisos e revestimentos industriais. A crise fiscal, que tem reduzido o orçamento das obras públicas no Brasil, e os efeitos da Operação Lava Jato sobre as grandes empreiteiras levaram fornecedoras da construção civil a buscar novas maneiras de sobrevivência. A receita é aumentar o capital de giro, investir mais

em inovação, ingressar em novos segmentos, mirar oportunidades de negócios no exterior ou em outros estados, estudar capital de risco e ampliar a produtividade dos negócios.

Nascida em 1995, a Engpiso viveu a expansão das grandes obras, quando obteve contratos para participar da construção de três arenas usadas na Copa do Mundo: Salvador, Recife e Sauípe, onde foi realizado o sorteio. A partir de 2012, Raymundo Corrêa, sócio da empresa, começou a sentir no bolso o atraso de pagamentos dos contratos, o que levou à diversificação da carteira de clientes e à expansão geográfica para outros mercados do Nordeste, como a Paraíba e o interior

A CRISE FISCAL BRASILEIRA AFETA OS NOVOS PROJETOS E ADIA OS PLANOS DOS ESTADOS

da Bahia. Além de elevar o capital de giro para fazer frente aos prazos mais dilatados de pagamento dos fornecedores, a empresa reforçou a preocupação com a inovação, participando de um projeto de pesquisa e desenvolvimento para a criação de produtos acústicos e térmicos.

Em parceria com órgãos de pesquisa, o Sebrae local e a Federação das Indústrias da Bahia, a Engpiso consolidou o sistema de inovação interno. “Produzimos uma argamassa com tratamento acústico e térmico e podemos mensurar sua qualidade e avaliar o seu desempenho. Fizemos ainda parceria com uma empresa de Curitiba para usar uma película de borracha formada por nanocompósitos”, destaca o empresário. A empresa, que investe 10% de sua receita em inovação, colocou ainda um pé no parque tecnológico da Bahia, para estreitar os elos com a comunidade científica, tornando-se a única do setor de construção ali instalada.



Garcia, secretária de Ciência e Tecnologia da Paraíba

A empresa passou a mirar a internacionalização de suas operações. “Pretendemos ter de 10% a 15% da receita no exterior e iniciar os negócios no segundo semestre do próximo ano, mas estudamos esse passo com cuidado. Queremos ampliar a carteira de clientes e manter contato estreito com outros parceiros e tecnologias lá fora”, afirma Corrêa, que nos últimos três anos tem participado de missões da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) no exterior.

A companhia também participa de um programa do Sebrae sobre capital de risco e pretende iniciar contato com uma aceleradora de São Paulo. “Temos a patente internacional de um produto que será homologada em breve e isso pode criar um bom diferencial para a nossa empresa”, aponta o empreendedor. •

